

O Destino do Homem na Escatologia de John Wesley

JERRY L. MERCER,
M. Th.

*(Professor Assistente de
Religião, Azusa Pacific
College)*

Tradução: Izilda Bella

I. Introdução

O interesse pessoal de Wesley na “*Devoção Vital*” e “*Santidade Social*” é bem conhecido. Wesley foi, em um sentido verdadeiro, um homem deste mundo. Para Wesley, o compromisso cristão inclui uma preocupação ativa para a sociedade de alguém; ou seja, um interesse intenso em sua melhoria e uma busca energética daqueles meios que a tornarão mais proximamente semelhante ao reino de Deus. Assim, não é surpresa ver Wesley envolvido em questões pertinentes à educação, prisão, reforma, políticas, e melhoria da saúde.

No entanto, é de particular interesse, para este estudo, observar que a preocupação de Wesley em viver esta vida é grandemente influenciada pela sua visão da existência última do homem. Em seu sermão, “*Astúcias de Satanás*”, ele adverte seus ouvintes a manter claro seu entendimento, a respeito da relação entre este mundo e o próximo.

Nossos olhos podem estar inconscientemente de fora daquela coroa, que o justo Juiz prometeu dar naquele dia ‘*a todos que amam sua vinda*’; e nós podemos nos afastar desta visão da herança incorruptível que está reservada no céu para nós. Mas isto também seria uma perda para nossas almas, e uma obstrução para nossa santidade. Porque caminhar na contínua visão de nosso objetivo, é uma ajuda necessária, para a corrida que se encontra diante de nós.

Para Wesley, um conceito apropriado de vida depois da morte não serve apenas como um corretivo contínuo do presente compromisso cristão, mas também como uma persuasão para o pecador voltar para Cristo e a justificação prática.

John Wesley não tem uma escatologia, quando alguém considera tal um objeto, sob a luz dos resultados da teologia sistemática. Verdaderamente, a palavra “*escatologia*” é originária do século dezenove. No entanto, Wesley enfatiza aqueles objetivos usualmente ligados à séria consideração da escatologia; por exemplo, a morte do estado imediato da alma, a ressurreição, a segunda vinda de Cristo, o julgamento, o fim do mundo, céu, e inferno. Para nosso propósito, o termo “*escatologia*” será utilizado neste estudo, embora o leitor deva entender que seu uso será no sentido mais amplo.

Será o objetivo deste estudo, concernente a escatologia geral de Wesley, entender seu interesse no assunto, e a relação entre suas visões e o pensamento da maior Igreja de seu tempo, e observar o destino último da alma do homem no processo escatológico geral. A extensão do objetivo automaticamente indica que este estudo é exploratório, não completo.

II. A Preocupação de Wesley pela Escatologia

Existem dois problemas que automaticamente surgem, concernentes a uma interpretação da escatologia de Wesley.

(1) O fato de que ele falha, em desenvolver um modelo completo de escatologia, tem conduzido alguns à dúvida, se o

assunto é de algum valor para Wesley, afinal. (2) É observação de Lawson que “*Wesley não era um daqueles para os quais um sentido vivo de que ‘o fim do mundo’ está à mão fosse uma parte importante da religião*”. (3) Isto não significa, como pode parecer a alguns, que Wesley é desinteressado ou despreocupado a respeito dos eventos escatológicos, ou “*fim dos tempos*”. Devemos lembrar que Wesley, como o Anglicanismo do século dezoito, está mais preocupado com uma aplicação prática do ensino Bíblico, do que com sua formulação sistemática. É verdade que Wesley não desenvolve uma única aproximação com a escatologia, mas, antes, traça os pormenores do processo escatológico geral, dos conceitos da ortodoxia do século dezoito, e pré-dezoito. (4) Por exemplo, Wesley segue o Pietista Luterano, Bengel, em sua interpretação do Livro de Apocalipse, e aceita inteiramente seu modelo da época. Wesley também aceita as ênfases Puritanas e Pietistas sobre o julgamento e a história da salvação. É também correto situar que Wesley não usa os aspectos negativos da escatologia (o julgamento dos pecadores e a manifestação do inferno) para indevidamente ameaçar suas congregações; (5) como foi feito frequentemente em meio aos pregadores Puritanos, embora ele concorde com o literalismo deles, na interpretação. Antes, Wesley é altamente positivo em sua apresentação dos eventos escatológicos. Como McEldowney observa: *Um espírito de otimismo movia-se sobre Wesley, quando ele contemplava o futuro. Ele admitia que houvesse muito pecado no mundo em que ele viveu, mas ele viu a mão de Deus operando para a última salvação de vasto número de pessoas. Ele acreditou que Deus estava na obra em seu próprio tempo, trazendo uma nova preocupação pelo reino de Deus.* (6) Parece evidente que o interesse de Wesley na escatologia está no reino da preocupação prática, em vez da teologia como tal. É

importante, neste ponto, observar o contexto teológico dentro do qual Wesley desenvolve sua aproximação prática com a escatologia. Este contexto é seu conceito elaborado de história; um conceito que ele entende primeiramente em termos teológicos. A história da redenção, ou do processo de salvação não pode estar separada dos atos históricos no pensamento Wesleyano. A visão de Wesley da história seria considerada hoje como “*supra-história*”; ou seja, é o misterioso propósito de Deus que, originando além da história, a invade e controla seu curso. (7) Para Wesley, a escatologia é uma parte e uma parte importante daquele total processo de salvação que foi colocado em movimento, antes do “*tempo*”, e que durará “*por toda a eternidade*”.

O elemento do movimento, teologicamente considerado, caracteriza a visão de Wesley da história da salvação. A história do homem não é acidental, mas proposital. A providencia dominante de Deus guia a história, incluindo o homem, para sua conclusão Nele. Wesley parece considerar apenas dois aspectos maiores no total processo de salvação, como isentos da idéia do movimento, por exemplo, a soberania de Deus e a lei moral. Esses elementos que estão definitivamente relacionados ao movimento, mudança, e avanço, em grau são: **1.** a relação do tempo para com a eternidade; **2.** o processo da salvação; **3.** a obra de Cristo; **4.** o desenvolvimento da Igreja; **5.** o reino de Deus; e **6.** o mistério da iniquidade.

O segundo problema, referente à interpretação apropriada da escatologia de Wesley, gira em torno da questão, quanto a se ele externa ou não, um tipo de “*escatologia*

realizada”. Bomer sugere que a teologia de Wesley da Ceia do Senhor enfatiza a idéia básica da escatologia realizada. Uma vez que Wesley considera o alimento sacramental como uma “*ordem do céu*”, Bomer vê em seus hinos eucarísticos uma atencipação desta ênfase escatológica, comumente identificada com os escritos de C.H. Dodd.

(8) *Pela fé e esperança existe até mesmo agora, a festa de casamento que compartilhamos; mesmo agora nós somos alimentados, através do Cordeiro; a alegria celestial de nosso Senhor, nós provamos...*

(9) Williams também encontra em Wesley um tipo de escatologia realizada, especialmente em seu conceito de reino de Deus e a doutrina da santificação. (10) William, assim como Henry Carter, vê a ênfase de Wesley sobre a escatologia realizada em sua visão de santificação, sob três tópicos principais: **1.** o novo da vida de santidade interior, se estendendo para produzir a santidade social; **2.** a religião interior, como uma antecipação da perfeição; **3.** a religião social – a presente realização, em parte do perfeito reino de Deus.

É óbvio de um estudo dos escritos de Wesley, que ele imagina que exista, em algum sentido, uma experiência presente da esperança escatológica. No entanto, ele não enfatiza, de qualquer modo, o presente aspecto da experiência, de que ele não tem expectativa verdadeira dos futuros eventos escatológicos, como Bomer parece sugerir. A visão de Williams é mais parecida com a de Wesley, neste ponto. Com respeito ao reino, Williams escreve: “*A vida do reino que é*

nossa agora é um dom escatológico, uma antecipação do reino final". (12) Wesley está equilibrado em seu entendimento desta idéia, uma vez que ele enfatiza a presente experiência da graça dos crentes, como uma "pré-visão" da glória final; ele considera os eventos escatológicos, como futuro e não os confunde com a presente experiência do crente.

III. A Visão do Processo Escatológico de Wesley

Como foi mencionado acima, o conceito da escatologia de Wesley é, falando de maneira geral, o produto de muitas influências separadas, dentro do pensamento Protestante. (13) Em estudar a visão de Wesley do destino do homem no contexto escatológico, torna-se necessário reconhecer as contribuições feitas ao fato de ele pensar, através dessas várias tradições.

Como previamente observado, a aparente despreocupação de Wesley pelos detalhes do processo escatológico está no seguir sua experiência Anglicana, e a maneira como trata a teologia em geral. A teologia Anglicana do século dezessete, o imediato cenário para o pensamento de Wesley, estava satisfeita em se preocupar com os mais largos aspectos do pensamento escatológico. Essas frases maiores, por exemplo, a imortalidade da alma, a bem-aventurança dos crentes no céu, a tortura do condenado, etc. tenderam, por sua vez, às visões gerais dos Antepassados da Igreja. No manter-se com sua tradição, Wesley deixou os detalhes menores do processo escatológico para a curiosidade individual.

Como a ortodoxia, Wesley estava interessado na questão da morte. Seus Diários contem numerosas referências às mortes. Especialmente aquelas de uma natureza triunfante. O estado da morte é um prelúdio para o julgamento final. Wesley considera o lugar onde as almas retas estão detidas, entre a morte e a ressurreição, como a "antecâmara do céu". (14) Este é um lugar onde alguém experimentará o desfrute consciente da presença de Deus. (15) Trata-se do "paraíso" aqui (16) – que a Igreja descansará de seus trabalhos. Por outro lado, para o ímpio morto, o estado imediato é uma prévia do inferno. (17) Ao seguir o Protestantismo, Wesley claramente rejeita o conceito Católico Romano do purgatório. Para Wesley, o morto sela uma relação com Deus, qualquer que seja ela, e o julgamento geral justificará e ratificará o eterno estado da alma.

A Igreja no mundo, entretanto, não procura pela morte, mas pela vinda de Cristo. É importante para a escatologia de Wesley, que o milênio preceda a segunda vinda de Cristo. Uma teologia do milênio faltou geralmente durante o tempo de Wesley, e ele mesmo estava incerto, com respeito à sua natureza específica. Aqui Bengel vem em auxílio de Wesley e o supre com um esmerado, embora incomum, modelo de milênio, um modelo que Wesley aceita em sua inteireza.

(18) Utilizando Bengel, Wesley vê dois períodos de 1000 anos separados, em Apocalipse 20 (**Apocalipse 20:4** "E vi tronos; e assentaram-se sobre eles, e foi-lhes dado o poder de julgar; e vi as almas daqueles que foram degolados pelo testemunho de Jesus, e pela palavra de Deus, e que não adoraram a besta, nem a sua imagem, e não receberam o sinal

em suas testas nem em suas mãos; e viveram, e reinaram com Cristo durante mil anos”). O primeiro será caracterizado por uma expansão geral do evangelho, por exemplo, um período em que a Igreja crescerá com pouco ou nenhum obstáculo. Durante este período, satanás estará “*confinado*”, e, com este “*grande inimigo*” removido, o reino de Deus (incorporado na Igreja) “*manterá seu curso ininterrupto em meio às nações*” (**Apocalipse 20:3** “*E lançou-o no abismo, e ali o encerrou, e pôs selo sobre ele, para que não mais engane as nações, até que os mil anos se acabem. E depois importa que seja solto por um pouco de tempo*”). No término deste primeiro período, satanás será solto por um tempo. Concomitante com isto está o início da primeira ressurreição.

O segundo milênio vê os santos reinando com Cristo no céu, enquanto aqueles sobre a terra são enganados por satanás, com exceção da “*Igreja Pagã*”, que habita ao redor de Jerusalém. Depois que este segundo período estiver completo (um tempo conhecido apenas a Deus, uma vez que esses períodos começam e terminam no mundo espiritual, **Apocalipse 20:5** “*Mas os outros mortos não reviveram, até que os mil anos se acabaram. Esta é a primeira ressurreição*”), Cristo retornará, e a ressurreição geral ocorrerá.

(19) Dificilmente se poderá duvidar de que a visão adotada de Wesley é o que hoje é denominada “*pós-milênio*”. (20) Enquanto está é uma oposição ao ensino geral dos Antepassados da Igreja, especialmente nos séculos três e quatro, Wesley igualmente considera a visão deles como insatisfatória. Embora o homem não possa precisar o dia do fim, uma vez que ele é conhecido apenas de Deus, Wesley

acreditou que certos sinais serão manifestados durante o fim do milênio, anterior à efetiva aparição de Cristo. A idéia dos “*sinais*” manifestados antes da vinda de Cristo, era também parte da teologia da Reforma (Luteranos e Reformados, ou Calvinistas), embora alguma noção de um milênio fosse repudiada.

Em se manter com a ortodoxia Protestante, Wesley enfatiza o julgamento “*geral*”. Assim, ele radicalmente separou-se da teoria da Católica Romana, de um julgamento “*particular*”, tanto quanto “*geral*”. “*A imaginação, portanto*”, diz Wesley, “*de um julgamento na morte, e outro no fim do mundo, não pode ter lugar com aqueles que fazem da Palavra de Deus, o todo e único padrão de sua fé*”.

(21) A visão de Wesley do julgamento geral é altamente individualista e lida mais com o redimido do que com o condenado. O julgamento tende a se tornar no pensamento de Wesley, um tempo de grande restauração e a justificação final do crente. A razão para esta confiança positiva se situa em seu conceito de duas justificações, presente e final. Wesley entende que a presente justificação, como incluindo reconciliação e perdão. O julgamento efetivo é reservado para o julgamento geral e lida com as obras do crente (**Mateus 12:37** “*Porque por tuas palavras serás justificado, e por tuas palavras serás condenado*”). As próprias obras não são meritórias, uma vez que a salvação final, e presente repousam inteiramente sobre o conceito da fé salvadora. É fácil ver que em um modelo igual esta justificação final se torna o objetivo do processo da salvação.

No julgamento geral, o próprio Cristo separará a humanidade, à direita (favor) e à esquerda (desfavor). Para mostrar a objetividade de Deus, e sua maravilhosa graça para com o homem caído, mesmo o perdão dos pecados dos justos será mostrado diante da companhia reunida. **(22)** Wesley sugere que os santos, assim expostos, não sentirão vergonha, mas, antes, se regozijarão com *“alegria inexprimível”*. **(23)** O julgamento geral tem um lugar principal na escatologia de Wesley. Ele o usa como uma sanção para a ética, e como uma base para o arrependimento. Aqui Wesley se coloca entre a ortodoxia Protestante e o Pietismo. Bengel supre Wesley com um modelo da história da salvação, que tende a trazer juntas as principais idéias da ortodoxia e Pietismo, por exemplo, a ênfase ortodoxa sobre o julgamento, como uma sanção para a ética e o interesse do Pietismo, nos *“muitos acontecimentos”* do julgamento e realidade do milênio.

Nesta mesma junção, Wesley pode ser tentado a trazer juntas duas visões conflitantes, derivadas do Puritanismo e Pietismo, ou seja, o hiper-individualismo do Puritanismo e o modelo de história da salvação do Pietismo, dentro e através da Igreja; porque ambos aparecem, para Wesley, quando do julgamento, não obstante o fato de que o papel do indivíduo é fundamental. Em todas essas tradições, assim como para Wesley, a consumação final de todas as coisas, excetuando o condenado, se encontrará na presença de Deus na Nova Jerusalém.

Os eventos transicionais se concluem com o fim do mundo. Para Wesley, o julgamento geral incluirá – como último ato – a renovação da terra pelo fogo. Este evento é

relacionado ao fim que Deus tem em vista para Sua Igreja. **(24)** Ao destruir a terra, Deus está preparando para a restauração universal que envolverá os santos, e o mundo criado **(Hebreus 12:26-29)** *“A voz do qual moveu então a terra, mas agora anunciou, dizendo: Ainda uma vez comoverei, não só a terra, senão também o céu. E esta palavra: Ainda uma vez, mostra a mudança das coisas móveis, como coisas feitas, para que as imóveis permaneçam. Por isso, tendo recebido um reino que não pode ser abalado, retenhamos a graça, pela qual sirvamos a Deus agradavelmente, com reverência e piedade; porque o nosso Deus é um fogo consumidor”*). Os santos estarão provavelmente com Deus, e o ímpio no inferno, quando esta purificação tomar lugar. A existência individual terá, através deste período, se estabelecido e se manifestará em uma das duas atmosferas eternas, céu (o reino da glória) ou inferno.

Existem três aspectos importantes do reino da glória: **1.** ele representa o cumprimento do destino da Igreja; **2.** ele é o início do céu, ou glória eterna, para o crente; e **3.** ele é o tempo do livramento para o mundo criado. Concernente ao aspecto do céu, em específico, Wesley entende que o conceito geral de céu foi revelado aos patriarcas do Velho Testamento **(Hebreus 11:16, 26)** *“Mas agora desejam uma melhor, isto é, a celestial. Por isso também Deus não se envergonha deles, de se chamar seu Deus, porque já lhes preparou uma cidade. (...) Tendo por maiores riquezas o vitupério de Cristo, do que os tesouros do Egito; porque tinha em vista a recompensa”*); embora eles não a recebessem **(Hebreus 11:39,40)** *“E todos estes, tendo tido testemunho pela fé, não alcançaram a promessa, provendo Deus alguma coisa melhor a nosso respeito, para que eles sem nós não fossem aperfeiçoados”*). Agora, crentes em Cristo têm uma antecipação do céu em seus corações **(Judas 21**

“*Conservai-vos a vós mesmos no amor de Deus, esperando a misericórdia de nosso Senhor Jesus Cristo para a vida eterna*”). Pela virtude de sua fé, os crentes são herdeiros do céu. **(25)** Seus nomes estão inscritos no “*livro da vida*”, **(Filipenses 4:3)** “*E peço-te também a ti, meu verdadeiro companheiro, que ajudes essas mulheres que trabalharam comigo no evangelho, e com Clemente, e com os outros cooperadores, cujos nomes estão no livro da vida*”) e sua vida presente já está, de certo modo, no céu **(Filipenses 3:20)** “*Mas a nossa cidade está nos céus, de onde também esperamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo*”. Assim, o céu é um lugar real **(João 14:2)** “*Na casa de meu Pai há muitas moradas; se não fosse assim, eu vo-lo teria dito. Vou preparar-vos lugar*”), cuja essência é amor **(I Cor. 13:8, 13)** “*O amor nunca falha; mas havendo profecias, serão aniquiladas; havendo línguas, cessarão; havendo ciência, desaparecerá. (...) Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor, estes três, mas o maior destes é o amor*”). Exatamente como se houvessem graus de glória na ressurreição, haverá graus de bem-aventurança no céu **(I Cor. 3:14)** “*Se a obra que alguém edificou nessa parte permanecer, esse receberá galardão*”); **(I Pedro 1:4)** “*Para uma herança incorruptível, incontaminável, e que não se pode murchar, guardada nos céus para vós*”). O céu é a habitação final, eterna do redimido **(Hebreus 4:3)** “*Porque nós, os que temos crido, entramos no repouso, tal como disse: Assim jurei na minha ira Que não entrarão no meu repouso; embora as suas obras estivessem acabadas desde a fundação do mundo*”) e a finalidade da Igreja.

Mais importante para este relato é a visão de Wesley do inferno. A base para tal doutrina no pensamento de Wesley é tripla: **1.** o pecado homem, se persistido nele, necessita de

alguma punição; **2.** a ira de Deus contra o pecado argumenta em favor da realidade do inferno; e **3.** a revelação divina da verdade do assunto nas Escrituras Sagradas, verdadeiramente o único caminho que tal conceito seria conhecido. Embora as Obras de Wesley contenham apenas um sermão sobre o inferno, a noção de sua realidade é uma característica importante de sua total escatologia.

Wesley está convencido de que nem todos os homens serão finalmente salvos. Enquanto é possível e desejável que todos alcancem a salvação final, tal salvação está sempre condicionada à fé vital. **(26)** Quando Wesley rompeu com os Morávios, um dos pontos em jogo foi a visão dos Morávios da salvação universal incondicional, uma visão que Wesley não aceitaria. **(27)** Em manter esta posição, Wesley estava de acordo com a visão geral do pensamento Anglicano do pré século dezoito.

(28) Os terrores do inferno no entendimento de Wesley são triplos: **1.** Wesley acredita que toda vontade reprimida será removida dos pecadores no inferno, e eles crescerão na iniquidade, por toda a eternidade. **(29)** Esta é a contraparte de seu conceito de crescimento na santidade, para o redimido no céu.

O segundo tormento do inferno consiste na punição infligida sobre aquele que vão para lá. Diferentemente de Orígenes, Wesley acredita que os tormentos do inferno são punitivos na essência. Inferno será um lugar de lamentos sobre as oportunidades negligenciadas sobre a terra **(Marcos 9:44)** “*Onde o seu bicho não morre, e o fogo nunca se apaga*”). O

“germe que não morre” significa o “orgulho, obstinação, desejo, malícia, inveja, vergonha, tristeza, desespero”, que perseguirá cada alma pela eternidade. Assim, este verme que não morre da auto-piedade e vergonha meramente leva para a eternidade o que o pecador já experimentou na terra.

(31) Wesley acredita que os habitantes do inferno serão “temperados com fogo” (Marcos 9:49 “Porque cada um será salgado com fogo, e cada sacrifício será salgado com sal”. Os tormentos do inferno serão físicos (o fogo), assim como espirituais (o verme). Wesley argumenta em favor da materialidade do fogo no inferno, (32) não porque ele se deleita naquele tipo de punição, mas, antes no fundamento de que o fogo material é uma parte da revelação de Deus da natureza do lugar. Assim, vida no inferno não oferece descanso ou mudança, apenas dor. Wesley insiste que os habitantes do inferno estarão tremulamente vivo, e sofre e agoniza por todos os poros.

O terceiro terror do inferno é que os tormentos que devem ser suportados são eternos em essência. (34) Argumentando das Escrituras, o uso da palavra “eterno”, Wesley escreve: “tanto... a punição é estritamente eterna, ou a recompensa não é; a mesma expressão sendo aplicada para o primeiro, assim como para o último”. (35) A natureza eterna da punição coincidirá com a natureza eterna do pecado (I Tessalonicense 1:9 “Porque eles mesmos anunciam de nós qual a entrada que tivemos para convosco, e como dos ídolos vos convertestes a Deus, para servir o Deus vivo e verdadeiro”). Wesley uma vez afirmou que ao ímpio seria permitido olhar para as regiões do abençoado, mas que o

mundo reto olha para os tormentos sofridos pelo condenado (Mateus 25:46 “E irão estes para o tormento eterno, mas os justos para a vida eterna”). Esta idéia, no entanto, não foi desenvolvida por Wesley em seu tratamento da história do rico e Lázaro, que ele aceitou como histórica. (Lucas 16:19-31 “Ora, havia um homem rico, e vestia-se de púrpura e de linho finíssimo, e vivia todos os dias regalada e esplendidamente.... etc...”), no relato dos novos céus e nova terra (Apocalipse 21:1 “E vi um novo céu, e uma nova terra. Porque já o primeiro céu e a primeira terra passaram, e o mar já não existe”), ou nos sermões pertencentes ao céu ou inferno. É igualmente difícil reconciliar o problema proposto pela visão do redimido dos tormentos do condenado, quando o Próprio Deus os “esqueceu”, (36) para não mencionar os benefícios questionáveis derivados de tal oportunidade. Neste estágio, tempo da salvação e restauração há muito passou e o futuro promete nada melhor do que o presente.

IV. Conclusão

Na conclusão, nós observamos que a aproximação de Wesley ao objeto da escatologia é mais prática do que teológica; mais individualista do que corporativa; mais futurista do que presente. Também seu entendimento geral da escatologia é altamente literalístico, o que é típico da escatologia de seu tempo. Sua visão é igualmente “apocalíptica”, mas, sem transgredir a ênfase social. A contribuição de Wesley para a escatologia de seu tempo é sua forte amalgamação dos eventos escatológicos, com um conceito da história da salvação, começando aqui e agora, da unidade do tempo e eternidade.

(37) A visão de Wesley do destino último do homem é geralmente otimista. Ainda assim, ele não se esquivava dos assuntos que tendem a serem impopulares (o conceito de inferno, por exemplo), acreditando que seja seu dever declarar o completo conselho de Deus. Finalmente, a visão de Wesley da escatologia, em sua aplicação prática, é almejada em dois grupos de pessoas: Primeiro, o cristão dará séria atenção às demandas éticas do evangelho, porque ele se entende vivendo, dentro da mesma sombra de eternidade. Tal obediência flui do amor a Deus, e não do temor de Sua presença. Segundo, o não-cristão deve engalfinhar-se com a declaração bíblica de que é já está vivendo como alguém debaixo de condenação, e, portanto, deve arrepender-se, se ele tiver dentro de si a esperança da vida eterna. É neste ponto do realismo da fé que a escatologia de Wesley pode se situar, como um corretivo para muita pregação no púlpito moderno.